

CATÁLOGO EPIGRÁFICO DE LOUSADA A inscrição clássica da Fonte Taurina

O presente artigo insere-se no projeto Catálogo Epigráfico de Lousada, dedicando-se, neste número, totalmente à análise da epígrafe inserida no espaldar da Fonte Taurina. Esta enigmática fonte situa-se na freguesia de Cristelos, numa breve depressão entre a rua de D. Manuel I e a Avenida de Sá e Melo, à face de um antigo caminho (já desaparecido) que ligava a quinta da Lagoa ao lugar e monte de Laboreiros. O presente artigo apresenta uma ligeira mas muito significativa mudança em relação aos que foram anteriormente publicados, pois insere-se um breve apontamento de interpretação da inscrição clássica por parte de José d'Encarnação, Professor Catedrático da Universidade de Coimbra, investigador de referência de Epigrafia Latina, que muito nos tem ajudado, com a sua crítica e sugestões, no decurso deste projeto. Ficou, desde já, determinado entre os três subscritores deste artigo que, em breve, se apresentará mais completa reflexão acerca da epígrafe da Fonte Taurina.



1. Breve enquadramento ao abastecimento de água

O abastecimento de água à população constituía uma das principais atribuições dos órgãos do poder local, fosse através das câmaras municipais ou por ação mais próxima das juntas de paróquia e, mais tarde, de freguesia. Não obstante a preocupação das comunidades e das entidades municipais pelo abastecimento de água ao longo de toda a Idade Moderna, especialmente nos municípios urbanos, as áreas e os concelhos rurais só começaram a atender a esta necessidade a partir do século XIX e manifestamente durante o século XX.

Por meados do século XX o próprio governo colocou em prática um plano de beneficiação de fontes, que consistia fundamentalmente na eliminação das fontes de mergulho e de chafurdo e na sua substituição por chafarizes, pondo em evidência o enorme atraso nos sistemas de abastecimento de água às populações.

Por esta época, conforme o próprio Plano enunciava, no mundo rural o fornecimento de água ainda se fazia, em grande medida, com recurso a fontes de mergulho, com todos os perigos para a saúde pública que advinham dessa circunstância.

As povoações com maior número de habitantes, e onde se fizesse sentir alguma pressão demográfica desencadeada pelo dinamismo económico local, sentiam mais os efeitos da carência de água. Neste contexto insere-se, com toda a propriedade, a Vila de Lousada, que englobava parcialmente as freguesias de Silvares e de Cristelos e que viveu um acentuado desenvolvimento socioeconómico durante a segunda metade do século XIX e princípios do século XX. A Vila de Lousada foi a sucedânea do antigo e populoso lugar e rua do Torrão, que, pelo menos desde a primeira metade do século XVIII, já evidenciava uma importante atividade económica, política e social, que se



FIGURA 1 Lavadouro e Fonte Taurina. Postal ilustrado dos anos 1920's.

afirmou através de vários aspetos. Por essa época promoveu-se a criação de uma feira quinzenal aos dias 9 e 25 de cada mês, situação que terá conferido um impulso definitivo ao desenvolvimento económico local. Ainda nesse período regista-se a transferência para a rua do Torrão da câmara municipal, anteriormente instalada noutra freguesia, com a adaptação de edifício próprio para paços do concelho. Alguns edifícios dispostos ao longo da rua, e datados através de epígrafes nas padieiras, confirmam uma crescente atração da população a partir do século XVIII para esta renovada centralidade.

É neste ambiente de uma certa prosperidade que se enquadram as primeiras referências à necessidade de abastecimento de água na Vila. Em reunião camarária do ano de 1862 referia-se a falta de uma fonte pública dentro da Vila, situação que só viria a ser resolvida em 1870 com a cedência das sobras de umas águas privadas. Esta primeira bica de água seria a que esteve instalada à face da rua de Santo António. Em 1897 foi explorada nova mina de água, que viria a abastecer o tanque e, mais tarde, o chafariz que existiu em frente à capela do Senhor dos Aflitos. A Fonte Taurina, por estar fora dos limites definidos, naquela época, para a Vila de Lousada, não se insere totalmente neste contexto do abastecimento de água ao núcleo mais urbano e populacional. Contudo, a sua proximidade deste centro, distando escassos 300m do antigo largo da feira, hoje Praça D. António Meireles, certamente que lhe conferia alguma importância nessa rede de provisão, constituindo-se, possivelmente, como o ponto de água preferencial para o gado que se deslocava ao mercado quinzenal.

2. A Fonte Taurina e a sua epígrafe

2.1. Interpretação da sua epígrafe clássica

Existe em Cristelos um fontanário, a chamada Fonte Taurina, que ostenta uma inscrição.

Não se tem, por enquanto, uma ideia precisa sobre a data da sua construção, mas um postal que se encontrou (Figura 1), datável porventura dos primórdios do século XX, época em que se começou a dar importância a esses «monumentos», como ponto privilegiado de encontro da população, que aí ia abastecer-se de água, lavar a roupa e dar de beber aos animais. Trata-se de um tipo de estrutura muito corrente até para cá de meados do século passado.



FIGURA 2 Levantamento gráfico da inscrição da Fonte Taurina.



FIGURA 3 Registo fotográfico da inscrição da Fonte Taurina.

Encimam o motivo central as siglas I M I. Lateralmente NIHIL / SIBI, à esquerda; ONIBUS / IDEM, à direita.

A sugestão de desdobrar as siglas em I(esus) M(aria) I(osephus), «Jesus Maria José» é perfeitamente aceitável, uma forma de «santificar» o lugar mediante uma invocação religiosa. O culto à Sagrada Família foi promovido pelo papa Leão XIII (1878-1903), que instituiu em 1893 a festa da Sagrada Família. As gentes de Lousada manifestaram, desta sorte, o seu apego à nova devoção.

O hábito de, nos edifícios públicos, se gravarem frases lapidares, colhidas dos escritores latinos clássicos teve novo incremento aquando do Neoclassicismo, em que artistas e governantes faziam questão em mostrar a sua erudição bebida nos clássicos.

No caso da Fonte Taurina, a frase poderá ser a seguinte:

«Nihil tibi o(m)nibus idem».

«Nada para ti. Para todos também não».

E poderá estar relacionada com o conhecido episódio da «Matrona de Éfeso», contado pelo escritor latino Petrónio, no seu livro *Satiricon*. A frase completa era «Nihil proderit tibi gemitu pectus diducere omnibus idem est exitus», de que, na fonte, está uma versão abreviada, com as palavras mais significativas.

Não se conformando com a morte do bem-amado, a matrona chorava copiosamente e manifestava intenção de querer ser sepultada com ele. Abeirou-se dela, porém, um soldado que a exortou a não teimar naquela dor inútil, toda a gente acabaria assim, na mesma morada.

Que mensagem se quer transmitir, uma vez que não nos encontramos em contexto fúnebre, qual o da situação a que a frase pertence, mas sim perante uma fonte, em que a perspectiva será salutífera, animadora e de futuro? Teria havido uma intenção concreta, algo como «se não houver água para ti, também para os outros a não haverá»? Um incitamento, portanto, à poupança do precioso líquido? Ou será apenas uma admoestação sábia: «Nada tens? Não te preocupes, que todos estão na

mesma situação que tu!».

Seja como for, oxalá a investigação possa vir a trazer nova luz sobre o que ali, de facto, se quis dizer. E, neste momento, o que é importante salientar é a circunstância de, em recôndito fontanário de um território como o de Lousada, depararmos, hoje, com uma epígrafe que, mais de um século passado, a ninguém despertou a atenção que ela, de facto, merece, a acrescentar valor patrimonial àquele que o fontanário, como testemunho de um passado, inegavelmente detém.

2.2. Comentário paleográfico

Inscrição monumental em letra capital latina, fixada em bloco granítico de grão fino de topo moldurado, com formato retangular de 117 cm de largura e 71,2 cm de altura. O texto, pela leitura que oferece, encontra-se organizado em cinco regras, contornando um nicho de 51,6 cm de altura e 40 cm de largura, aberto ao centro do suporte epigráfico. Este nicho apresenta-se-nos como uma realização prévia à abertura das letras, patente,



FIGURA 4 Vista geral atual do lavadouro e da Fonte Taurina.

julgamos, na disposição da primeira regra, que acompanha a linha do topo, em arco, bem como na palavra ONIBUS, na quarta regra, que obrigou à supressão do «M», indicado pelo epígrafista por um sinal braquigráfico sobre o «N». Se nestes aspetos se apura que a gravação das letras foi precedida de uma cuidada *ordinatio*, decorrente do suporte epigráfico disponível, tal se acha igualmente evidente na redução de palavras por contração siglar, isto é, por limitação à primeira letra, como se constata na parte inicial do texto relativa à hipotética expressão: *I(esus) M(aria) I(osephus)*. Com exceção do assinalado, todo o restante texto epigráfico foi fixado por extenso.

Espelho de uma ação concertada, de um experimentado epígrafista e de um lapicida, sucede realçar a elevada uniformidade epigráfica, designadamente na altura das letras - L1: 8,2 cm; L2: 10,8 cm; L3: 10 cm; L4: 10,6 cm; L5: 10,7 cm), que resulta numa média de 10 cm, nos espaços interlineares - L1: 2,7 cm; L2: 3,5 cm; L3: 8,6 cm; L4: 3 cm; L5: 15,7 cm, bem como no uso do traço fino nas letras e o cuidado no emprego de serifas boleadas que oferecem um certo aspeto clássico à globalidade da inscrição. A primeira e segunda regra, cujas três siglas formam uma única frase em latim, foram alvo de diversos avivamentos, razão pela qual mostram uma largura do sulco ligeiramente superior.

2.3. Comentário Histórico

A Fonte Taurina terá tido a sua origem, pelo menos é o que o seu nome indicia, numa fonte de chafurdo que, para além do abastecimento de água, se destinava a bebedouro de animais, essencialmente gado bovino, formando, muito provavelmente, um lameiro com as escorrências das sobras de água.

Até ao momento, não foi possível compulsar documentação que permita estabelecer uma origem e cronologia para esta fonte.

A Fonte Taurina não foi incluída na lista de fontes a requalificar no âmbito do Plano de Beneficiação de 1964/66; sabe-se, no entanto, através de um livro de receita e despesa da Junta de Freguesia que, em 1964, recebeu a cobertura do lavadouro, executada pela referida entidade, orçando os trabalhos em 1100\$00 (mil e cem escudos). Estranha-se esta circunstância, até porque outras fontes da mesma freguesia foram incluídas naquele Plano. Também se conhecem trabalhos de restauro em fontes de Cristelos no ano de 1913, demonstrando que havia uma evidente preocupação com as condições de acesso e

salubridade destas infraestruturas.

Bem mais recentemente, por finais do século passado, a construção de um edifício junto à Fonte Taurina desencadeou um arranjo da mesma, provocando uma profunda descaracterização da sua estrutura. A introdução de um muro de betão envolvendo o espaldar da fonte constituiu um dos aspetos mais perturbadores dessa intervenção, pela desproporção do volume e material aplicado. Também o tanque foi substancialmente reduzido.

Segundo um registo fotográfico publicado numa coleção de postais datados dos anos 20, é possível verificar como o tanque era consideravelmente maior do que na atualidade. O espaldar aparece colocado do lado esquerdo da cabeceira do tanque e não ao centro como agora se encontra, havendo um elemento pétreo intermédio entre a base e o coroamento.

As laterais longas do tanque mostram a superfície levemente inclinada, as chamadas esfregadeiras, destinadas à lavagem da roupa. A parede esquerda contém um recorte, junto ao espaldar, que provavelmente serviria para deixar escorrer a água de sobra, permitindo, igualmente, que aí se pousassem os cântaros. O espaldar era composto, originalmente, por uma base que apresentava um modesto ornamento em forma de voluta e um recorte convexo na ligação com o elemento intermédio, que, por sua vez, parece também exibir alguns motivos decorativos. O coroamento do espaldar evidencia o maior trabalho escultórico, com a introdução de um nicho e de um frontão curvilíneo.

Assinale-se que o formato do espaldar da Fonte Taurina não é único na freguesia de Cristelos. A Fonte de Santo André também revela um trabalho escultórico idêntico, com o seu nicho onde repousava uma imagem de vulto em pedra do santo e um frontão mais simplificado, mas semelhante.

Para concluir: a Fonte Taurina constitui um interessante exemplo de arquitetura da água, que ao longo do tempo foi sofrendo subtrações e acrescentos, mas cuja importância social ficou bem fixada na fotografia que veio a dar origem a uma das mais antigas coleções de postais de Lousada. Aí podemos observar a dupla função prática da fonte, como lavadouro e como ponto de água, mas também como espaço de sociabilidade das gentes da povoação. De todo este quadro rústico ressalta a erudição da epígrafe gravada no seu espaldar e um certo mistério que ainda está por esclarecer acerca da sua verdadeira intencionalidade.